

**Sonia Maria
Maltez Fernandez***

* *Mestre em Educação — UERJ
Professora da Faculdade de
Educação da UERJ
Diretora do Instituto Helena
Antipoff — SME/Rio*

Introdução

Antes de abordar as principais teses de Vygotsky acerca da relação Pensamento/Linguagem, considero importante situar historicamente sua produção, apresentando alguns dados acerca de sua história de vida e do entorno social e político em que viveu. Acredito que o conhecimento desses dados possibilite uma melhor compreensão dos motivos que têm levado estudiosos, principalmente das áreas de Psicologia e Educação, a demonstrarem na atualidade, tanto interesse por uma abordagem construída no início deste século.

Vygotsky nasceu em novembro de 1896, na cidade de Orsha, na Bielo-Rússia. Contemporâneo de Piaget, não teve oportunidade de viver por muitos anos como o teórico de Genebra. Acometido de crises sucessivas de tuberculose, veio a falecer em 1934. Este é um fato relevante para aqueles que se dedicam ao estudo de sua obra, na medida em que muitas de suas teses não puderam ser detalhadamente explicitadas, embora tenha trabalhado até os últimos meses de vida. Muitas delas puderam, entretanto, ser aprofundadas por diversos discípulos seus, principalmente por Luria e Leontiev,

que com ele formaram a "troika".

Por sua origem judia, foi discriminado a ponto de não poder frequentar determinados cursos

ou ministrar tantos outros. Mesmo assim, estudou Direito, Filosofia, Psicologia e Literatura, ao mesmo tempo que iniciou estudos na área de neurologia, demonstrando interesse em desen-

volver investigação em diferentes áreas do conhecimento — sempre na companhia de jovens pesquisadores interessados por seus trabalhos — ministrando, também, cursos por todo o país.

Sua produção, portanto, não decorreu de uma formação, apenas, no campo de Psicologia, mas revela-se como um conhecimento que se constituiu a partir da confluência de diferentes ciências. Tal como seus conterrâneos, foi influenciado pela Revolução Russa de 1917 e por suas consequências.

Tendo como objetivo maior a reformulação da Psicologia, a partir de uma perspectiva marxista, buscando a superação das explicações oriundas das teorias de cunho idealista e empirista, procurou através da relação teo-

ria/prática contribuir com suas investigações para a resolução dos problemas concretos presentes em seu país. Dentre alguns deles podemos destacar: o anal-

Uma perspectiva de Lev. S. Vygotsky

fabetismo em massa e a falta de locais de atendimento a crianças portadoras de deficiência. Tanto que, em 1925, fundou o Instituto Experimental de Defectologia, onde desenvolveu e coordenou pesquisas e atividades de ensino. Os resultados de suas pesquisas foram fruto de seu próprio trabalho educacional, tanto no Instituto quanto em outros centros especiais que foram surgindo.

Por motivos políticos (algumas de suas teses sobre linguagem, por exemplo, contrapunham-se às idéias de Stalin), foi proibida a publicação de suas obras, por um período de 20 anos, o que nos impossibilitou ter acesso às mesmas, em décadas passadas.

Ainda hoje, muitos de seus artigos — especialmente sobre

Educação Especial — ainda não chegaram a ser traduzidos, dificultando o conhecimento de pesquisas e estudos realizados por Vygotsky, no campo da linguagem do desenvolvimento e da aprendizagem.

A consciência humana, na visão de Vygotsky, constitui-se a partir da internalização da cultura, tendo a linguagem um papel decisivo neste processo.

É através da linguagem que os indivíduos interatuam, ao mesmo tempo em que internalizam conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite o desenvolvimento das funções psicológicas.

Vygotsky não contribuiu apenas para a superação da dicotomia entre o social e o individual, mas estabeleceu uma outra maneira de entender-se o desenvolvimento do pensamento e da linguagem.

Comentando o papel decisivo de Vygotsky na superação desta dicotomia, Luria (1986) afirma:

“Para explicar as formas mais complexas de vida consciente do homem é imprescindível sair dos limites do organismo e buscar as origens desta vida consciente e do comportamento “categorial”, não nas profundidades do cérebro ou da alma, mas sim nas condições externas da vida e, em primeiro lugar, da vida social, nas formas histórico-sociais da existência do homem.” (p. 21)

Esta colocação de Luria em relação às formas histórico-sociais da existência do homem possibilita entender a que “social” os psicólogos russos se referem. O emprego ou interpretação deste conceito, sem que ocorra uma

análise mais cuidadosa, tem possibilitado certas aproximações indevidas.

Vygotsky (1988) afirma que seu propósito principal é:

“Caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida do indivíduo.” (p. 21)

“É através da linguagem que os indivíduos interatuam, ao mesmo tempo em que internalizam conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite o desenvolvimento das funções psicológicas.”

Trata-se de entender e explicar como se dá o desenvolvimento do indivíduo, da infância à idade adulta, procurando relacionar esse desenvolvimento às interações que o indivíduo mantém com a sua realidade social, mais especificamente, com a cultura e a história de seu grupo social.

Ao nascer, a criança traz consigo uma história e uma cultura, a história e a cultura de seus antepassados, próximos e distantes, que se caracteriza como uma peça importante na construção do seu desenvolvimento, porque ao longo desta construção se fazem presentes os hábitos, as atitudes, os valores e a própria linguagem daqueles que com ela interagem em seu grupo familiar. Não se trata de um determinismo histórico e cultural em que, passivamente, a criança absorve para reproduzir posteriormente.

Tanto quanto a história e cultura de seus antepassados, estão presentes nessa construção a história e a cultura de outros indivíduos com quem se relaciona em outras instituições além da sua própria família. Por outro lado, ela também participa ativamente da construção da sua própria cultura e da história, modificando-se e imprimindo modificações nos grupos aos quais pertence.

Enquanto cresce e se desenvolve, a criança vai encontrando modos de intervir na realidade, imprimindo-lhe modificações, ao mesmo tempo em que também se modifica.

De acordo com Steiner e

Souberman (1988),

“Um aspecto crucial da condição humana, e que começa na infância, é a criação e o uso de estímulos auxiliares ou “artificiais”; através desses estímulos uma situação inédita e as reações ligadas a ela são alternadas pela intervenção humana ativa... Vygotsky considera os estímulos auxiliares como altamente diversificados: eles incluem os instrumentos da cultura na qual a criança nasce, a linguagem das pessoas que se relacionam com a criança e os instrumentos produzidos pela própria criança, incluindo o próprio corpo.” (p. 139)

O tema central da psicologia de Vygotsky é o processo de atividade mediada. Com base nas concepções de Engels sobre trabalho e uso de instrumentos, enfatiza a capacidade que o homem possui de transformar a

natureza e a si próprio. Signos e instrumentos são os elementos mediadores que utiliza na sua transformação e na dos demais seres humanos ao longo do desenvolvimento histórico-cultural dos indivíduos. Os instrumentos são as ferramentas de produção que o homem utiliza para transformar a natureza enquanto que os signos são as ferramentas psicológicas de que dispõe para transformar a si e aos demais.

Tais ferramentas não são inatas nem adquiridas mas são produto da evolução sócio/cultural e o homem delas se apropria porque interage com outros homens que como ele fazem parte de seu grupo social. A linguagem é a ferramenta psicológica mais importante.

Embora Piaget tenha ressaltado a interação ativa que o indivíduo mantém com seu meio, percebe o desenvolvimento como fruto da maturação orgânica — perspectiva biológica — enquanto que Vygotsky percebe a interação do aparato biológico com as funções que se constroem sócio/culturalmente — perspectiva dialética — em ambientes que tanto quanto o indivíduo encontram-se em transformação.

Em suas explicações acerca do desenvolvimento procura mostrar a diferença entre os processos psicológicos e elementares e os processos psicológicos superiores, que buscou explicar ao longo de sua obra, da mesma forma que se ocupou da transformação dos processos elementares em processos superiores. Não se trata de uma transformação meramente quantitativa, mas que se

dá a partir de combinações e reestruturações, em que novos sistemas funcionais vão surgindo.

De acordo com Vygotsky (1988),

“Podem-se distinguir DENTRO de um processo geral de desenvolvimento, duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto à sua origem: de um lado os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural. A História do Comportamento da Criança Nasce do Entrelaçamento dessas Duas Linhas.” (p. 52)

A Relação Pensamento/Linguagem

Vygotsky estudou a relação entre pensamento e linguagem a

“...afirma que linguagem e pensamento têm raízes genéticas diferentes, seguem caminhos diferentes enquanto se desenvolvem e só irão se encontrar através da formação dos primeiros significados das palavras; daí em diante, o pensamento passa a ser verbal enquanto a fala passa a ser racional.”

partir de sua evolução (o que não havia sido feito pelas principais correntes da Psicologia Contemporânea) e afirma que linguagem e pensamento têm raízes genéticas diferentes, seguem caminhos diferentes enquanto se desenvolvem e só irão se encontrar atra-

vés da formação dos primeiros significados das palavras; daí em diante, o pensamento passa a ser verbal enquanto a fala passa a ser racional.

De início a criança apresenta um pensamento pré-verbal (não influenciado pela linguagem) que se manifesta através do uso de instrumentos. Interrelação entre inteligência prática e linguagem, começa a ocorrer a partir do momento em que se inicia a formação dos significados das palavras — pensamento verbal — significado este que não se forma de maneira abrupta, mas que evolui e se complexifica ao longo do desenvolvimento, possibilitando que através de um processo de internalização o indivíduo vá constituindo seu plano psicológico (intrapessoal) a partir do plano social (interpessoal), onde interage com seus semelhantes. A linguagem a qual Vygotsky se refere é a vivida da interação com outros indivíduos; a palavra perde seu caráter neutro, abstrato e fixo para evoluir semanticamen-

te tal e qual o próprio indivíduo se desenvolve.

O processo de internalização tem na linguagem o seu principal instrumento e possibilita a retomada da realidade cultural, através de complexas transformações, na consciência do indiví-

duo. Não se trata, portanto, de uma assimilação da realidade externa mas de uma reelaboração que ocorre internamente a partir da interação com os demais.

No dizer de Vygotsky (1988),

“Nossa análise atribui à atividade simbólica uma função organizadora específica que invade o processo do uso de instrumentos e produz formas fundamentalmente novas de comportamento.” (p. 27)

Quando o uso de signos (orais, gestuais, escritos, numéricos, ...) é incorporado à ação, esta se transforma e se organiza em bases completamente novas; a ação, na realidade, se reorganiza.

É importante acompanhar os passos que a criança desenvolve de uma fala que, inicialmente, é social em direção a uma fala internalizada; na fala social a criança dirige-se ao adulto para comunicar-se ou para solucionar problemas com sua ajuda. Desde que nasce, a relação da criança com o mundo é mediada por outros indivíduos através da fala que utiliza. Seus movimentos, balbucios, sorrisos e choro são interpretados pelos adultos que lhe respondem, conferindo significado às suas manifestações.

Portanto, a criança está desde o início de sua vida inserida em um espaço simbólico, em que, mesmo não fazendo, ainda, uso da linguagem oral, encontra, através dos adultos que lidam com ela, ressonância de seus gestos e movimentos na linguagem que estes utilizam, começando, desde cedo a desenvolver uma capacidade, que mais tarde estará aprimorada, de agir e pensar simbolicamente.

Ao mesmo tempo, a linguagem passa a ter não apenas um papel na comunicação, mas atua como instrumento fundamental na formação da consciência do indivíduo.

Segundo Vygotsky (1987), o significado de uma palavra evo-

lui ao longo do processo de desenvolvimento do indivíduo sendo que:

“Os dados sobre a linguagem infantil (confirmado pelos dados antropológicos) sugerem firmemente que, por um longo tempo, a palavra é para a criança uma propriedade do objeto, mais do que um símbolo deste; que a criança capta a estrutura externa palavra-objeto mais cedo do que a estrutura simbólica interna... achamos extremamente difícil acreditar, com base nos dados disponíveis, que uma criança de 18 meses a 2 anos seja capaz de “descobrir” a função simbólica da fala. Isso ocorre

propriedades dos objetos, é que a criança descobre e consolida a sua função como signos.” (p. 43)

Esta tese permite rever colocações como a de Stern quando afirma que, por volta de um ano e meio, a criança “descobre que cada coisa tem um nome”, considerando que já nesta idade a criança faz a apreensão do significado da palavra. Essa apreensão não se dá de forma súbita, mas é gradual e evolui na medida que a criança se desenvolve e interage dialogicamente com outros indivíduos. Usando a linguagem, experienciando-a em diferentes situações e contextos vai aos pou-

“Se o significado de uma palavra evolui à medida que o indivíduo se desenvolve, como conjugar o significado da palavra para a criança e para um adulto no ato da comunicação?”

mais tarde e não de repente, mas de forma gradual, por meio de uma série de mudanças “moleculares”... Mesmo em uma criança em idade escolar, o uso funcional de um novo signo é precedido por um período de domínio da estrutura externa do signo. Da mesma forma, somente ao operar com palavras que foram primeiro concebidas como

cos evoluindo junto com o próprio significado da palavra; linguagem e pensamento vão transformando-se da infância à idade adulta.

Se o significado de uma palavra evolui à medida que o indivíduo se desenvolve, como conjugar o significado da palavra para uma criança e para um adulto no ato da comunicação?

Vygotsky estabelece uma diferença entre o significado de uma palavra e o seu referente; o primeiro evolui enquanto o segundo permanece fixo, correspondendo ao significado dicionarizável. O referente mantém-se fixo e é o elemento que permite à criança e ao adulto interagirem dialogicamente; utilizam o mesmo termo com significado dicionarizável.

Uma outra distinção importante feita por Vygotsky diz respeito à diferença entre o significado e o sentido das palavras. O significado é a acepção referencial da palavra, enquanto que o sentido refere-se à sua significação sócio-comunicativa. O significado tem um caráter mais objetivo porque, mesmo apresentando variações devido à evolução que sofre, mantém sempre um núcleo permanente para todas as pessoas. Já o sentido depende da situação e do momento em que a palavra é empregada.

Inicialmente, a linguagem apresenta apenas uma função de comunicação — atividade intersubjetiva — em que, através das trocas verbais que estabelece com os adultos, a criança tem a possibilidade de se expressar e participar da produção cultural, ao mesmo tempo em que vai internalizando significados e for-

mas de ação sobre o mundo, elaborados socialmente. Aos poucos, a linguagem passa também a desempenhar um papel no planejamento, orientação e regulação do próprio indivíduo — atividade intrasubjetiva — exercendo um papel decisivo no desenvolvimento cognitivo.

Essa transição entre a fala social e a fala interior, conceituada por Vygotsky de fala egocêntrica, é o período em que a criança utiliza a linguagem com o objetivo de orientar suas ações e solucionar problemas. Ela antecede a fala interior e tanto quanto esta exerce uma função intelectual.

A fala egocêntrica de que fala Vygotsky difere do egocentrismo de Piaget. Enquanto para este “a fala egocêntrica não tem nenhuma função no pensamento ou nas atividades realistas da criança — limita-se a acompanhá-los” — para Vygotsky ela é “um fenômeno de transição das funções interpsíquicas para as intrapsíquicas, isto é, da atividade social e coletiva da criança para a sua atividade mais individualizada — um padrão de desenvolvimento comum a todas as funções psicológicas superiores. (Vygotsky, 1987, p. 114).

De início a criança não consegue diferenciar a fala comunicativa da fala egocêntrica, sendo comum vê-la falar em voz alta de seus projetos interiores; a criança demora a distinguir a fala para os outros, da fala para si própria.

Talvez porque as expressões utilizadas com o objetivo de auxiliar suas ações sejam as mesmas utilizadas na interação com os adultos.

No que se refere à fala interior, esta não se constitui em uma mera reprodução da fala externa. Inicialmente, ela apresenta uma estrutura idêntica àquela mas aos poucos vai se abreviando, palavras vão sendo eliminadas e tornando-se totalmente predicativa. O tornar-se predicativa é um índice de desenvolvimento.

As teses de Vygotsky tornam-se interessantes na medida em que ele atribui à interação dialógica um papel relevante no desenvolvimento cognitivo do sujeito, ressaltando tanto a sua participação quanto a de outros sujeitos nesse processo, quando enfatiza as relações entre o indivíduo e a sociedade.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que se transforma internamente, contribui na transformação de outros sujeitos.

Referências Bibliográficas

LURIA, A. R.; *Pensamento e Linguagem*; Artes Médicas; Porto Alegre; 1986.

STEINER, V. e SOUBERMAN, E.; *Posfácio*; in VYGOTSKY, L. S.; *A Formação Social da Mente*; Martins Fontes; S. P.; 1988.

VYGOTSKY, L. S.; *A Formação Social da Mente*; Martins Fontes, S. P.; 1988.

VYGOTSKY, L. S.; *Pensamento e Linguagem*; Martins Fontes; S. P.; 1987.